

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

# CRISTOLOGIA

Pessoa, naturezas, atributos, ofícios e curiosidades sobre Jesus Cristo.



INSTITUTO DE TEOLOGIA  
**LOGOS**

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*

*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## CRISTOLOGIA

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

**BRASIL, MA**

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-007-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON07

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **CRISTOLOGIA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 121 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - CRISTOLOGIA – O ESTUDO DA PESSOA DE CRISTO</b> .....	<b>9</b>
1.1. UMA RELAÇÃO ENTRE ANTROPOLOGIA E CRISTOLOGIA .....	9
1.2. ANTES DO CONCÍLIO DE CALCEDÔNIA .....	10
1.3. APÓS O CONCÍLIO DE CALCEDÔNIA .....	12
1.4. DA REFORMA ATÉ O SÉCULO XIX .....	13
1.5. NO SÉCULO XIX .....	14
<b>2 - CONCEITO DE “JESUS HISTÓRICO”</b> .....	<b>17</b>
2.1. A OBJEÇÃO DA IGREJA CRISTÃ AO CHAMADO “JESUS HISTÓRICO” .....	17
2.2. A PESQUISA EM BUSCA DO “JESUS HISTÓRICO” E O FRACASSO DA INVESTIGAÇÃO .....	19
<b>3 - A COMPLETA CRISTIFICAÇÃO DE JESUS</b> .....	<b>26</b>
3.1. CONCEITOS DE CRISTIFICAÇÃO .....	26
3.2. O TIPO DE FECUNDAÇÃO QUE FORMOU O CORPO DO SENHOR JESUS CRISTO .....	28
3.3. TÍTULOS DADOS IGUALMENTE A DEUS PAI E A JESUS CRISTO .....	30
3.4. OBRAS ATRIBUÍDAS IGUALMENTE A DEUS PAI E A JESUS CRISTO .....	31
<b>4 - OS NOMES E TÍTULOS DE CRISTO</b> .....	<b>34</b>
4.1. O NOME JESUS .....	34
4.2. O NOME CRISTO .....	34
4.3. O NOME FILHO DO HOMEM .....	35
4.4. O NOME FILHO DE DEUS .....	36
4.5. O NOME SENHOR (KYRIOS) .....	37
<b>5 - AS NATUREZAS DE CRISTO</b> .....	<b>39</b>
5.1. PROVAS BÍBLICAS DA DIVINDADE DE CRISTO .....	40
5.2. PROVAS BÍBLICAS DA VERDADEIRA HUMANIDADE DE CRISTO .....	41
5.3. PROVAS BÍBLICAS DA IMPECABILIDADE DA HUMANIDADE DE CRISTO .....	42
5.4. A NECESSIDADE DAS DUAS NATUREZAS DE CRISTO .....	43
5.5. A UNIPERSONALIDADE DE CRISTO .....	44
5.6. EXPOSIÇÃO DO CONCEITO DA IGREJA A RESPEITO DA PESSOA DE CRISTO .....	44
5.7. PROVA BÍBLICA DA UNIPERSONALIDADE DE CRISTO .....	46
5.8. OS EFEITOS DA UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS EM CRISTO .....	46
5.9. O MISTÉRIO DA UNIPERSONALIDADE DE CRISTO .....	48
5.10. A DOCTRINA DA “KÉNOSIS” EM SUAS VÁRIAS FORMAS .....	49
5.11. A TEORIA DA ENCARNAÇÃO GRADUAL .....	50
<b>6 - O ESTADO DE HUMILHAÇÃO DE CRISTO</b> .....	<b>53</b>
6.1. DISTINÇÃO ENTRE ESTADO E CONDIÇÃO .....	53

6.2.	A DOCTRINA DOS ESTADOS DE CRISTO NA HISTÓRIA .....	53
6.3.	NÚMERO DOS ESTADOS DE CRISTO .....	54
6.4.	O ESTADO DE HUMILHAÇÃO .....	54
6.5.	PONTOS DE ATENÇÃO SOBRE A ENCARNAÇÃO E NASCIMENTO DE CRISTO .....	55
6.6.	OS SOFRIMENTOS DE JESUS CRISTO .....	59
6.7.	A MORTE DE JESUS CRISTO .....	61
6.8.	O SEPULTAMENTO DE JESUS CRISTO .....	63
6.9.	A DESCIDA DE JESUS CRISTO AO HADES .....	63
<b>7 -</b>	<b>O ESTADO DE EXALTAÇÃO DE CRISTO.....</b>	<b>68</b>
7.1.	PROVAS ESCRITURÍSTICAS E RACIONAIS DA EXALTAÇÃO DE CRISTO .....	68
7.2.	O ESTADO DE EXALTAÇÃO NA TEOLOGIA LIBERAL MODERNISTA .....	69
7.3.	ESTÁGIOS DO ESTADO DE EXALTAÇÃO – A RESSURREIÇÃO .....	69
7.4.	OBJEÇÕES À DOCTRINA DA RESSURREIÇÃO .....	71
7.5.	O SUPORTE DOCTRINÁRIO DA RESSURREIÇÃO .....	73
7.6.	A ASCENÇÃO DE CRISTO .....	74
7.7.	A SESSÃO À DESTRA DE DEUS .....	76
7.8.	O REGRESSO FÍSICO DE CRISTO .....	78
<b>8 -</b>	<b>JESUS CRISTO, O PROFETA.....</b>	<b>81</b>
8.1.	A IMPORTÂNCIA DA DISTINÇÃO ENTRE OS TRÊS OFÍCIOS .....	82
8.2.	O OFÍCIO PROFÉTICO .....	82
8.3.	O DEVER DOS PROFETAS.....	83
8.4.	PROVAS BÍBLICAS DO OFÍCIO PROFÉTICO DE CRISTO .....	84
8.5.	IDEIA MODERNISTA RELACIONADA AO OFÍCIO PROFÉTICO DE CRISTO .....	84
<b>9 -</b>	<b>JESUS CRISTO, O SACERDOTE .....</b>	<b>87</b>
9.1.	DISTINGUINDO PROFETA E SACERDOTE .....	87
9.2.	PROVAS DO OFÍCIO SACERDOTAL DE CRISTO .....	87
9.3.	A OBRA SACRIFICIAL DE CRISTO.....	88
9.4.	PROVAS BÍBLICAS DA OBRA SACRIFICIAL DE CRISTO .....	92
9.5.	A OBRA SACERDOTAL DE CRISTO E A TEOLOGIA MODERNISTA.....	93
<b>10 -</b>	<b>JESUS CRISTO, O REI .....</b>	<b>95</b>
10.1.	O REINADO ESPIRITUAL DE CRISTO .....	95
10.2.	CARACTERÍSTICAS DO REINO DE CRISTO .....	96
10.3.	A DURAÇÃO DO REINO DE JESUS CRISTO.....	98
10.4.	O REINADO DE CRISTO SOBRE O UNIVERSO .....	99
<b>11 -</b>	<b>PANORAMA GERAL SOBRE A CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO .....</b>	<b>102</b>
11.1.	ASPECTOS MÉDICOS DA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO .....	102
11.2.	ASPECTOS ILEGAIS DO JULGAMENTO DE JESUS.....	104
11.3.	A INTRODUÇÃO DAS TESTEMUNHAS .....	104

11.4.	O VEREDICTO DE PILATOS .....	105
11.5.	SOLDADOS ROMANOS ESCARNECEM E BATEM EM JESUS .....	106
11.6.	A COROA DE ESPINHOS E O MANTO.....	107
11.7.	A SEVERIDADE DO ESPANCAMENTO .....	107
11.8.	SOFRIMENTO NA CRUZ .....	108
11.9.	SOFRIMENTO FÍSICO NA CRUZ.....	110
11.10.	MORTE POR CRUCIFICAÇÃO – LENTA SUFOCAÇÃO .....	110
11.11.	UMA ÚLTIMA BEBIDA DO VINAGRE.....	111
11.12.	CELEBRAÇÃO DA OPOSIÇÃO GUERRA ESPIRITUAL.....	112
11.13.	JESUS DEU SUA VIDA.....	113
11.14.	MORTE POR CRUCIFICAÇÃO.....	113
11.15.	APARÊNCIA NO CÉU .....	114
<b>12 -</b>	<b>A OBRA INTERCESSÓRIA DE JESUS CRISTO .....</b>	<b>116</b>
12.1.	PROVA BÍBLICA DA OBRA INTERCESSÓRIA DE CRISTO .....	116
12.2.	NATUREZA DA OBRA INTERCESSÓRIA DE CRISTO .....	117
12.3.	AS PESSOAS POR QUEM CRISTO INTERCEDE .....	120
12.4.	AS COISAS PELAS QUAIS CRISTO INTERCEDE .....	120
12.5.	CARACTERÍSTICAS DA SUA INTERCESSÃO.....	121

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.





**AULA  
01**



# 1 - CRISTOLOGIA – O ESTUDO DA PESSOA DE CRISTO

Cristologia refere-se ao estudo referente a Jesus Cristo – sua pessoa e sua obra. Tratar-se-á as temáticas da teologia sistemática bem como passagens bíblicas essenciais referentes à temática, bem como o dilema do porquê da morte de Jesus na cruz.

Lemos em Jo.1:14 que o Verbo se fez carne. Não devemos entender com isso que o Verbo foi transformado em carne ou misturado com carne, e sim que escolheu para Si mesmo um templo formado pelo ventre de uma virgem, no qual habitar; e que Aquele que era o Filho de Deus ficou sendo o Filho do Homem, não pela confusão da substância, mas sim pela unidade de pessoa.

## 1.1. Uma Relação Entre Antropologia e Cristologia

Há uma relação muito estreita entre a doutrina do homem e a de Cristo. A primeira trata do homem, criado à imagem de Deus e dotado de verdadeiro conhecimento, justiça e santidade, mas que, pela voluntária transgressão da lei de Deus, despojou-se da sua verdadeira humanidade e se transformou em pecador. Ela mostra o homem como uma criatura de Deus altamente privilegiada, trazendo ainda alguns traços da sua glória original, mas, todavia, uma criatura que perdeu os seus direitos de nascimento, sua verdadeira liberdade e justiça originais. Significa que a doutrina dirige a atenção não apenas, nem primeiramente, à condição do homem como criatura, mas, sim, à sua pecaminosidade. Salaria a distância ética que há entre Deus e o homem, distância resultante da queda do homem e que, nem o homem nem os anjos podem cobrir, e, como tal, é virtualmente um grito pelo socorro divino.

A cristologia é em parte a resposta a esse grito. Ela nos põe a par da obra objetiva de Deus em Cristo construindo uma ponte sobre o abismo e eliminando a distância. A doutrina nos mostra Deus vindo ao homem para afastar as barreiras entre Deus e o homem pela satisfação das condições da lei em Cristo, e para restabelecer o homem em Sua bendita comunhão. A antropologia já dirige a atenção à provisão da graça de Deus para uma aliança de companheirismo com o homem que provê uma vida de bem-aventurada comunhão com Deus; mas a aliança só é eficiente em Cristo e por meio de Cristo. E, portanto, a doutrina de Cristo como Mediador da aliança deve vir necessariamente em seguida. Cristo, tipificado e prenunciado no Velho Testamento como o Redentor do homem, veio na plenitude do tempo, para tabernacular entre os homens e levar a efeito uma reconciliação eterna.

## 1.2. Antes do Concílio de Calcedônia

Na literatura cristã primitiva Cristo sobressai como humano e divino, como o Filho do homem, mas também como o Filho de Deus. Seu caráter sem pecado é defendido, e Ele é considerado como legítimo objeto de culto. Naturalmente, o problema suscitado por Cristo, como ao mesmo tempo Deus e homem, e as dificuldades envolvidas em tal concepção, não foram plenamente sentidos pela mente cristã dos primeiros tempos, e só assomaram a ela à luz da controvérsia. Era simplesmente natural que o judaísmo, com a sua forte ênfase ao monoteísmo, exercesse considerável influência sobre os primeiros cristãos, de extração judaica. Os ebionistas (ou parte deles) sentiram-se constrangidos, no interesse do monoteísmo, a negar a divindade de Cristo. Eles O consideravam como simples homem, filho de José e Maria, qualificado em Seu batismo para ser o Messias, pela descida do Espírito Santo sobre Ele. Havia outros na Igreja primitiva cuja doutrina sobre Cristo foi elaborada sobre linhas semelhantes. Os alogi (álogos ou alogianos), que rejeitavam os escritos de João por que entendiam que a sua doutrina do Logos está em conflito, com o restante do Novo Testamento, também viam em Jesus apenas um homem, conquanto miraculosamente nascido de uma viagem, e ensinavam que Cristo desceu sobre Ele no batismo, conferindo-lhe poderes sobrenaturais. No essencial, esta era também a posição dos monarquistas dinâmicos. Paulo de Samosata, seu principal representante, distinguia entre Jesus e o Logos. Ele considerava Aquele como um homem igual a todos os demais, nascido de Maria, e Este como razão impessoal divina, que fez Sua habitação em Cristo num sentido preeminente, desde a ocasião do Seu batismo, e assim O qualificou para a Sua grande tarefa. Em vista dessa negação, fazia parte da função dos primitivos apologetas a defesa da doutrina da divindade de Cristo.

Se havia alguns que sacrificavam a divindade pela defesa da humanidade de Cristo, havia outros que invertiam a ordem. Os gnósticos foram profundamente influenciados pela concepção dualista dos gregos, em que a matéria, entendida como inerentemente má, é descrita como completamente oposta ao espírito; e por uma tendência mística para considerar as coisas terrenas como representações alegóricas dos grandes processos redentores cósmicos. Rejeitavam a idéia de uma encarnação, de uma manifestação de Deus em forma visível, visto que isto envolveria um contato direto do espírito com a matéria. Diz Harnack que a maioria deles considerava Cristo como um Espírito consubstancial com o Pai. Conforme alguns, Ele desceu sobre o homem Jesus quando do Seu batismo, mas O deixou de novo antes da Sua crucificação; ao passo que, segundo outros, Ele assumiu um corpo meramente fantasmagórico. Os monarquistas modalistas também negavam a humanidade de Cristo, em parte no interesse da Sua divindade, e em parte para preservar a unidade do Ser Divino. Viam nele apenas um modo ou uma manifestação do Deus único, em quem não reconheciam nenhuma distinção de pessoas.

Os chamados pais alexandrinos e antignósticos empreenderam a defesa da divindade de Cristo, mas em seu trabalho de defesa não evitaram inteiramente o erro de descrevê-lo como subordinado ao Pai. Mesmo Tertuliano ensinava uma espécie de subordinação, mas especialmente Orígenes, que não hesitava em falar de uma subordinação quanto à essência. Isto veio a ser um ponto de partida para o arianismo, no qual se faz distinção entre Cristo e o Logos como a razão divina, e Cristo é apresentado como uma criatura pré-temporal, super-humana, a primeira das criaturas, não Deus e, todavia, mais que homem. Atanásio contestou a Ário e defendeu vigorosamente a posição de que o Filho é consubstancial com o Pai e da mesma essência do Pai, posição que foi oficialmente adotada pelo Concílio de Nicéia, em 325. O semi-arianismo propôs uma via média, declarando que a essência do Filho é semelhante à do Pai.

Quando a doutrina da divindade do Filho foi estabelecida oficialmente, surgiu, como é natural, a questão quanto à relação mútua das duas naturezas de Cristo. Apolinário ofereceu uma solução ao problema. Aceitando a concepção tricotomia o homem como consistindo de corpo, alma e espírito, ele tomou a posição de que o Logos assumiu o lugar do espírito (pneuma) no homem, que ele considerava a sede do pecado. Seu principal interesse era assegurar a unidade da pessoa de Cristo, sem sacrificar a sua real divindade; e também resguardar a impecabilidade de Cristo. Mas o fez em detrimento da completa humanidade do Salvador e, conseqüentemente, a sua posição foi explicitamente condenada pelo Concílio de Constantinopla, em 381. Uma das coisas pelas quais Apolinário lutava era a unidade da pessoa de Cristo. Que isso realmente corria perigo viu-se claramente na posição assumida pela escola de Antioquia, que exagerava a distinção das duas naturezas de Cristo. Theodoro de Mopsuéstia e Nestório acentuavam a completa humanidade de Cristo e entendiam que a habitação do Logos nele era apenas uma habitação moral, como a que os crentes também gozam, embora não no mesmo grau. Eles viam em Cristo um homem lado a lado com Deus, em aliança com Deus, compartilhando o propósito de Deus, mas não unido a Ele numa unidade de vida pessoal única – viam nele um Mediador que consistia de duas pessoas. Em oposição a eles, Cirilo de Alexandria salientava fortemente a unidade da pessoa de Cristo e, na opinião dos seus oponentes, negava as duas naturezas. Conquanto com toda a probabilidade esses oponentes o tenham entendido mal, Eutico e os seus seguidores certamente recorrem a ele quando assumiram a posição de que a natureza humana de Cristo foi absorvida pela divina, ou que as duas se fundiram resultando numa só natureza, posição que envolvia a negação das duas naturezas de Cristo. O Concílio de Calcedônia, em 451, condenou esses dois conceitos e manteve a crença na unidade da pessoa, como também na dualidade das naturezas.

### 1.3. Após o Concílio de Calcedônia

Por algum tempo o erro eutiquiano continuou com os monofisitas e monotelitas, mas finalmente foi dominado pela igreja. E o perigo de que a natureza humana de Cristo fosse considerada como inteiramente impessoal foi afastado por Leôncio de Bizâncio, quando demonstrou que ela não é impessoal, mas in-pessoal, tendo a sua subsistência pessoal na pessoa do Filho de Deus. João de Damasco, com quem a cristologia do Oriente alcançou o seu desenvolvimento máximo, acrescentou a idéia de que há uma circumincessão do divino e do humano em Cristo, uma comunicação dos atributos divinos à natureza humana, de modo que esta é deificada e também podemos dizer que Deus sofreu na carne. Ele mostra a tendência de reduzir a natureza humana à posição de mero órgão ou instrumento do Logos, se bem que admite que há cooperação das duas naturezas, e que a pessoa única exerce ação e vontade em cada natureza, embora a natureza humana esteja sempre sujeita à divina.

Na igreja ocidental, Felix, bispo de Urgel, defendeu o adocionismo. Ele considerava Cristo, quanto à Sua natureza divina, isto é, o Logos, como o unigênito Filho de Deus no sentido natural, mas considerava Cristo, em Seu lado humano, como um Filho de Deus meramente por adoção. Feliz procurou preservar a unidade da pessoa salientando o fato de que, desde o momento da Sua concepção, o Filho do homem foi absorvido na unidade da pessoa do Filho de Deus. Fez-se, assim, distinção entre a filiação natural e a adotiva, e esta não começou com o nascimento natural de Cristo, mas teve início por ocasião do Seu batismo e se consumou em Sua ressurreição. Foi um nascimento espiritual que fez de Cristo o Filho adotivo de Deus. Mais uma vez a igreja viu a crença na unidade da pessoa de Cristo ameaçada por esse conceito e, portanto, ele foi condenado pelo Sínodo de Franckfurt, em 794.

A Idade Média acrescentou muito pouca coisa à doutrina da pessoa de Cristo. Devido a várias influências, como as de ênfase à imitação de Cristo, das teorias sobre a expiação, e do desenvolvimento da doutrina da missa, a igreja se apegou fortemente à plena humanidade de Cristo. “A divindade de Cristo”, diz Mackintosh, “passou a ser vista mais como o coeficiente infinito elevando a ação e a paixão humanas a um valor infinito”. E, contudo, alguns dos escolásticos expuseram em sua cristologia um conceito docético de Cristo. Pedro Lombardo não hesitava em dizer que, com relação à Sua humanidade, Cristo não era absolutamente nada. Mas este niilismo foi condenado pela igreja. Alguns novos pontos foram salientados por Tomaz de Aquino. Segundo ele, a pessoa do Logos tornou-se composta na encarnação, e Sua união com a natureza humana “impediu” esta última de chegar a ter uma personalidade independente. A natureza humana de Cristo recebeu dupla graça em virtude de sua união com o Logos, (a) a gratia unionis (graça da união), que lhe comunicou uma dignidade especial, de modo que até se tornou objeto de culto, e (b) a

gratia habitualis (graça habitual), que a mantinha em sua relação com Deus. O conhecimento humano de Cristo era duplo a saber, um conhecimento infuso e um conhecimento adquirido. Há duas vontades em Cristo, mas a causalidade última pertence à vontade divina, à qual a vontade humana está sempre sujeita.

#### 1.4. Da Reforma Até o Século XIX

A Reforma não trouxe grandes mudanças à doutrina da pessoa de Cristo. Tanto a Igreja Romana como as igrejas da reforma subscreveram a doutrina de Cristo nos termos de sua formulação pelo Concílio de Calcedônia. Suas diferenças importantes e profundas estão noutras áreas. Há uma peculiaridade da cristologia luterana que merece atenção. A doutrina de Lutero sobre a presença física de Cristo na ceia do Senhor levou ao conceito caracteristicamente luterano da *communicatio idiomatum* (comunicação de propriedades), com o sentido de “que cada uma das naturezas de Cristo permeia a outra (*perichoresis*), e que a Sua humanidade participa dos atributos da Sua divindade”. Afirma-se que os atributos de onipotência, onisciência e onipresença foram comunicados à natureza humana de Cristo ao tempo da encarnação. Suscitou-se naturalmente a questão sobre como isto poderia harmonizar-se com o que sabemos da vida terrena de Jesus. Esta questão levou a uma diferença de opinião entre os teólogos luteranos. Alguns afirmam que Cristo pôs de lado os atributos divinos recebidos na encarnação, ou os usava só ocasionalmente, enquanto outros diziam que Ele continuou de posse deles durante toda a sua vida terrena, mas os manteve ocultos ou só os usava secretamente.

Alguns luteranos atualmente parecem inclinados a rejeitar esta doutrina.

Os teólogos reformados (calvinistas) viam nessa doutrina luterana uma espécie de eutiquianismo ou de fusão das duas naturezas de Cristo. A teologia reformada também ensina uma comunicação de atributos, mas a concebe de maneira diferente. Ela crê que, depois da encarnação, as propriedades de ambas as naturezas podem ser atribuídas à pessoa única de Cristo. Pode-se dizer que a pessoa de Cristo é onisciente, mas também, que tem conhecimento limitado; pode ser considerada onipresente, mas também limitada, em qualquer tempo particular, a um único lugar. Daí, lemos na Segunda Confissão Helvética: “reconhecemos, pois, que há no único e mesmo Jesus, nosso Senhor, duas naturezas – a natureza divina e a humana; e dizemos que estas são ligadas ou unidas de modo tal, que não são absorvidas, confundidas ou misturadas, mas, antes, são unidas ou conjugadas numa pessoa (sendo que as propriedades de cada uma delas permanecem a salvo e intactas), de modo que podemos cultuar a um Cristo, nosso Senhor, e não a dois. Portanto, não pensamos nem ensinamos que a natureza divina em Cristo sofreu, ou que Cristo, de acordo com a Sua natureza humana, ainda está no mundo e, assim, em todo lugar”.



## 1.5. No Século XIX

No início do século dezenove deu-se grande mudança no estudo da pessoa de Cristo. Até àquele tempo, o ponto de partida fora predominantemente teológico, e a cristologia resultante era teocêntrica; mas durante a última parte do século dezoito houve crescente convicção de que se alcançariam melhores resultados partindo de algo mais próximo, a saber do estudo do Jesus histórico. Assim foi introduzido o “segundo período cristológico”, assim chamado. O novo ponto de vista era antropológico, e o resultado foi antropocêntrico. Isto evidenciou-se destrutivo para a fé cristã. Uma distinção de maior alcance e pernicioso foi feita entre o Jesus histórico, delineado pelos escritores dos evangelhos, e o Cristo teológico, fruto da fértil imaginação dos pensadores teológicos, e cuja imagem reflete-se agora nos credos da igreja. O Cristo sobrenatural abriu alas para um Jesus humano; e a doutrina das duas naturezas abriu alas para a doutrina de um homem divino.

Scheleiermacher esteve à testa do novo desenvolvimento. Ele considerava Cristo como uma nova criação, na qual a natureza humana é elevada ao nível da perfeição ideal. Todavia, dificilmente se pode dizer que o seu Cristo se eleva acima do nível humano. A singularidade da Sua pessoa consiste do fato de que Ele possui um perfeito e vívido senso de união com o divino, e também realiza com plenitude o destino do homem em Seu caráter de perfeição impecável. A sua suprema dignidade encontra a sua explicação numa presença especial de Deus nele, em Sua consciência singular de Deus. O conceito que Hegel tinha de Cristo é parte integrante do seu sistema panteísta de pensamento. O verbo se fez carne significa para ele que Deus se encarnou na humanidade, de modo que a encarnação expressa realmente a unidade de Deus e o homem. Ao que parece, a encarnação foi meramente o auge de um processo racial. Enquanto a humanidade em geral considera Jesus unicamente como um mestre humano, a fé O reconhece como divino e vê que, por Sua vinda ao mundo, a transcendência de Deus torna-se imanência.

Encontramos aqui uma identificação panteísta do humano e do divino na doutrina de Cristo.

Algo disto se vê nas teorias quenósticas, que representam uma notável tentativa de melhorar a elaboração da doutrina da pessoa de Cristo. O termo kénosis é derivado de Fp 2.7, que ensina que Cristo “se esvaziou (ekenosen), assumindo a forma de servo”. Os quenosicistas tomam isso no sentido de que o Logos tornou-se, isto é, transformou-se literalmente num homem, reduzindo-se total ou parcialmente às dimensões de um homem, e depois cresceu em sabedoria e poder, até que afinal se tornou Deus de novo. Essa teoria apareceu em várias formas, das quais a mais categórica é a de Gess, e por algum tempo gozou considerável popularidade. Propunha-se manter a realidade e a

integridade da humanidade de Cristo, e dar vivo relevo à grandiosidade da Sua humilhação, na qual Ele, sendo rico, fez-se pobre por nós. Contudo, ela envolve uma obliteração panteísta da linha de demarcação entre Deus e o homem. Dorner, que foi o maior representante da Escola Mediadora, opôs-se fortemente a esse conceito e o substituiu pela doutrina de uma encarnação progressiva. Ele via na humanidade de Cristo uma nova humanidade com especial receptividade para com o divino. O Logos, o princípio de auto-concessão de Deus, juntou-se a essa humanidade; a medida em que o fez foi determinada em cada estágio pela sempre crescente receptividade da natureza humana para com o divino, e não alcançou o seu estágio final até à ressurreição. Mas isto não passa de uma nova e sutil forma de heresia nestoriana. Resulta num Cristo que consiste de duas pessoas.

Com a exceção de Schleiermacher, ninguém exerceu maior influencia sobre a teologia contemporânea do que Albrecht Ritschl. Sua cristologia tem seu ponto de partida na obra de Cristo, e não em Sua pessoa. A obra de Cristo determina a dignidade de Sua pessoa. Ele era mero homem, mas em vista da obra que realizou e do serviço que prestou, acertadamente Lhe atribuímos os predicados da Divindade. Ritschl rejeita a preexistência, a encarnação e a concepção virginal de Cristo, visto que isso não acha nenhum ponto de contato na consciência crente da comunidade cristã. Cristo foi o fundador do reino de Deus, e agora, de algum modo, induz os homens a ingressarem na comunidade cristã e a terem uma vida motivada pelo amor. Ele redime o homem por Seu ensino, por Seu exemplo e por Sua única, e, portanto, é digno de ser chamado Deus. Este conceito é virtualmente um restabelecimento da doutrina de Paulo de Samosata.

Com base na idéia panteísta moderna da imanência de Deus, a doutrina de Cristo hoje em dia é muitas vezes exposta de maneira completamente naturalista. As exposições podem variar muito, mas geralmente a idéia fundamental é a mesma, a saber, a idéia de uma unidade essencial de Deus e o homem. A doutrina das duas naturezas de Cristo desapareceu da teologia moderna e em seu lugar temos uma identificação panteísta de Deus e o homem. Essencialmente, todos os homens são divinos, desde que todos têm em si um elemento divino; e todos são filhos de Deus, diferindo de Cristo somente em grau. O ensino moderno acerca de Cristo está baseado na doutrina da continuidade de Deus e o homem. E é exatamente contra essa doutrina que Barth e os que pensam como ele ergueram sua voz. Nalguns círculos atuais há sinais de um retorno à doutrina das duas naturezas. Em sua obra intitulada, *What Is the Faith? (Que é Fé?)*, Mickelm confessa que durante muitos anos afirmou confiantemente que atribuição a Cristo de duas naturezas numa pessoa tinha que ser abandonada, mas agora Vê que isto se firmava num mal entendido.



# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)